

O início do fim da vida de Jesus.

Em nosso último encontro, estivemos meditando sobre o tema:

Conhecimento e fé, nos firmam em Jesus

Temos duas pernas, dois braços, dois ouvidos e também temos dois alicerces básicos em nosso cristianismo, a saber, nossa fé e nosso conhecimento de Deus.

Um sem o outro, nos torna aleijados espirituais, sempre precisando de uma bengala em que nos apoiar.

- Fé sem conhecimento, gera irracionalidade e instabilidade. Nos leva a agir por impulso e a tomar decisões que quando sem êxito, nos traz tristeza.
- Conhecimento sem fé, gera pessoas frias e legalistas. Nos leva a raciocinar sem o uso da ótica do amor, algo altamente condenado por Jesus em relação aos religiosos da época.

João 17:26 Eu lhes dei a conhecer o teu nome e lhes darei a conhecer ainda mais, a fim de que o amor com que me amaste esteja neles e eu neles esteja.

O equilíbrio sempre foi o ideal em qualquer área em nossas vidas. Pessoas que tem um alto grau de labirintite, não conseguem caminhar por conta da falta de equilíbrio e isso é verdade também no que se refere a nossa vida espiritual. Quando temos equilíbrio no conhecimento e fé, nos tornamos pessoas maduras e acessíveis a aqueles que nos rodeiam. Extremismo, devemos ter apenas em não negociar os padrões de nossa fé diante da Palavra e nunca adequar nossa vida ao padrão do mundo. No restante, morramos em favor do próximo.

O início do fim da vida de Jesus. - Abra a Palavra de Deus...

Todos os evangelhos canônicos caminham para a paixão e ressurreição do Messias; de fato, sem esse ápice, um 'evangelho' não seria um evangelho.

Por mais que relatos particulares sobre Jesus, Seu ensino e Seus milagres circulassem antes dos evangelistas os registrarem por escrito, há pouca dúvida de que os primeiros relatos diziam respeito a Sua paixão (Emaús).

Paixão essa, que nós que nos chamamos de cristãos, devemos constantemente nos lembrar de que cada um de nós é tão culpado de colocar Jesus na cruz quanto Caifás e os judeus que escolheram Barrabás.

Foi nossa culpa que levou Jesus à cruz como o Cordeiro de Deus.

João 1:29 No dia seguinte, viu João a Jesus, que vinha para ele, e disse: Eis o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo!

Tema esse que iniciaremos a tratar...

João 18:1 Tendo dito estas palavras, Jesus foi com seus discípulos para o outro lado do ribeiro Cedrom, onde havia um jardim; e aí entrou com eles.

Jesus nesse momento coloca em movimento a partida da qual vem falando.

João 14:2 Na casa de meu Pai há muitas moradas. Se assim não fora, eu vo-lo teria dito. Pois vou preparar-vos lugar.

Indo para o leste, eles cruzaram o vale do Cedrom, lugar próximo ao monte das Oliveiras. João afirma que Jesus entrou nele com seus discípulos e mais tarde ele conta que Jesus saiu : os verbos sugerem um lugar fechado com muros.

Com essa saída, Jesus demonstra a intenção de doar Sua vida.

João 10:18 Ninguém a tira de mim; pelo contrário, eu espontaneamente a dou. Tenho autoridade para a entregar e também para reavê-la. Este mandato recebi de meu Pai.

Ele entra em um jardim e será também em um jardim onde O vão sepultar.

João 19:41 No lugar onde Jesus fora crucificado, havia um jardim, e neste, um sepulcro novo, no qual ninguém tinha sido ainda posto.

O relato da entrega e morte começa e acaba com idêntica localização.

A ruptura de Jesus com o mundo O leva a morrer, mas desde agora anuncia-se que entra em lugar de vida e fecundidade: a morte situa-se no lugar da vida.

O jardim é o lugar simbólico onde o grão cairá e morrerá para dar muito fruto (João 12:24). Os discípulos, que não sabiam aonde Jesus ia, aprendem agora o caminho que haverão de seguir no futuro.

Jesus vai efetuar Sua entrega definitiva, enquanto os discípulos irão entrando progressivamente neste jardim à medida que entregarem as suas vidas, como o fez também Jesus.

João 18:2 E Judas, o traidor, também conhecia aquele lugar, porque muitas vezes Jesus ali estivera com seus discípulos.

Este jardim, fora dos limites da cidade, era lugar habitual de reunião para Jesus e os Seus, grupo que não se deixava moldar pela sociedade.

O fato de que Jesus muitas vezes se reunira ali com os Seus discípulos, especialmente na semana anterior à Páscoa, é confirmado:

Lucas 22:39 E, saindo, foi, como de costume, para o monte das Oliveiras; e os discípulos o acompanharam.

Eles se reuniam lá regularmente o bastante para que Judas conhecesse o lugar.

Lucas 22:6 Judas concordou e buscava uma boa ocasião de lhe entregar sem tumulto.

O tempo da entrega de Jesus (à noite) e o lugar (fora da cidade, longe das multidões que podiam gerar um tumulto) concederam ao traidor um ponto de encontro ideal para levar os oficiais direto a Jesus.

Mesmo perante a morte sacrificial iminente, Jesus não muda Seus hábitos para escapar dos Seus oponentes: Ele vai ao lugar onde Judas Iscariotes podia ter certeza que O encontraria.

João 18:3 Tendo, pois, Judas recebido uma coorte e guardas fornecidos pelos sumos sacerdotes e fariseus, dirigiu-se ao jardim com tochas, lâmpadas e armas.

Ao oferecer a Judas o pedaço de pão molhado, Jesus pusera em suas mãos Sua própria pessoa. Judas pegou o pão e saiu a fim de entregá-lo

Somente João especifica que, em acréscimo ao fato de trazer os oficiais judeus, Judas Iscariotes também guia um destacamento de soldados (coorte).

Eles não eram judeus, e sim romanos.

Uma coorte auxiliar completa tinha teoricamente um contingente de mil homens, isto é, setecentos e sessenta soldados de infantaria e duzentos e quarenta de cavalaria, e era conduzida por um quiliarco (líder de mil), frequentemente traduzido como tribuno ou comandante.

Destaca-se o número das forças que intervieram na prisão. Isso evidencia, o perigo que Jesus representa para o “mundo” e retrata a intensidade da violência e a grandeza do ódio em relação a Ele e os Seus.

As tropas auxiliares romanas ficavam geralmente estacionadas em Cesaréia, mas durante os dias de festa elas ficavam numa fortaleza perto do complexo do templo. Esse movimento para Jerusalém não só garantia um policiamento mais eficiente das grandes multidões que aumentavam muito a população de Jerusalém durante as grandes festas, mas também garantia que qualquer tumulto ou rebelião, alimentados pelo grande número de pessoas e pelo fervor religioso, fossem eficientemente esmagados. Esse provavelmente é o motivo de serem chamadas para apoiar os guardas do templo: o risco de reação por parte da multidão era, sem dúvida, elevado no caso de uma prisão de alguém com a popularidade de Jesus.

Os oficiais, que iam junto da coorte, enviados pelos chefes dos sacerdotes e fariseus eram, sem dúvida, a polícia do templo.

Os chefes dos sacerdotes e fariseus representavam a aristocracia sacerdotal que amplamente controlava o Sinédrio.

A combinação de autoridades judaicas e romanas nessa prisão condena o mundo todo. No âmbito histórico, ela nos lembra de que inimigos comuns geram estranhas amizades (Lc 23:6-12 – Pilatos e Herodes), e sugere que Pilatos pode muito bem ter sido avisado da iminência da prisão antes de Jesus ser levado a seu tribunal.

As tochas, lanternas e armas não são estranhas, mesmo que houvesse lua cheia (visto que era Páscoa): sem dúvida, Judas lhes disse para onde eles estavam indo, e a perspectiva de escalar uma encosta de montanha perseguindo um homem levou mais de um oficial a trazer uma tocha.

João 18:4 Sabendo Jesus tudo o que lhe aconteceria, adiantou-se e lhes perguntou: "A quem procurais?"

Todos os quatro evangelhos afirmam que Jesus sabia o que aconteceria: por exemplo: as predições da paixão, a oração agonizante no Getsemani e a tranquila insistência de que Ele podia chamar legiões de anjos em socorro confirmam isso.

Jesus oferece sua vida em obediência a Seu Pai, e não como um mártir que caiu

em desgraça por ventos malignos de um destino cruel. Com pleno conhecimento do que estava para vir sobre Ele, Ele mesmo saiu e fez Sua pergunta.

João 18:5 Responderam-lhe: A Jesus, o Nazareno. Então, Jesus lhes disse: Eu Sou. Ora, também Judas, o traidor, estava com eles.

Nesse ponto Judas beijou Jesus, mas João não registra o detalhe, para diminuir a importância de Judas e apontar para o controle de Jesus sobre os eventos.

Filipe, após ser chamado por Jesus, o identificara como “o Nazareno”, procedência que, para Natanael, era de se suspeitar.

João 1:45-46 Filipe encontrou a Natanael e disse-lhe: Achamos aquele de quem Moisés escreveu na lei, e a quem se referiram os profetas: Jesus, o Nazareno, filho de José. Perguntou-lhe Natanael: De Nazaré pode sair alguma coisa boa? Respondeu-lhe Filipe: Vem e vê.

Como na descrição de Filipe, esta denominação não indica somente procedência, mas indica o descendente de Davi.

Isaías 11:1 Do tronco de Jessé sairá um rebento, e das suas raízes, um renovo.

O rebanho de Davi é vítima de conspiração, como o seu antepassado. Seiscentos homens tinham desfilado perante Davi, como aliados seus (II Sm 15:18); aqui encontra-se o mesmo número, mas de inimigos .

Jesus identifica-se a si mesmo, não são necessárias acusações.

A expressão Eu sou eu é que o designa como Messias, o descendente de Davi.

João 1:20 Ele confessou e não negou; confessou: Eu não sou o Cristo.

Ele aceita o título, que figurará como o motivo de sua condenação.

João 19:19 Pilatos escreveu também um título e o colocou no cimo da cruz; o que estava escrito era: Jesus Nazareno, o Rei dos Judeus.

Última menção do traidor, que desaparecerá do relato evangélico.

Encontra-se no seu lugar definitivo, entre os inimigos mortais de Jesus.

Consumou sua traição e nela persiste; aquele que ia à perdição acabou de perder-se. O ex-discípulo, que já não pertence ao grupo de Jesus, alinha-se junto com os seus inimigos, a cujo número sempre pertencera. (**João 6:70**)

Você se torna o que adora, o grande perigo de se conformar com o mundo...

Romanos 12:2